

Negra, filha de pedreiro e de empregada doméstica, médica conta em livro sua dura luta pelo diploma

Por que os sonhos não envelhecem

MANUEL ALVES FILHO

manuel@reitoria.unicamp.br

Elaine Pereira da Silva deu de ombros para o destino. Negra, filha de pai pedreiro e mãe empregada doméstica, desejou desde cedo cursar Medicina. Motivo: ajudar as pessoas a se livrar da dor. Mesmo contra todos os prognósticos, alcançou o objetivo almejado. Graduou-se por uma das melhores universidades do país, a Unicamp. Hoje, aos 43 anos,

Vítima de uma lesão neurológica, autora cursou a Unicamp por 9 anos

precocemente aposentada por causa de uma lesão neurológica, continua assistindo de forma voluntária crianças e adultos de uma favela de Campinas. E mostra-se

gratificada por cumprir a missão que se impôs. “Sabe por que eu consegui? Porque os sonhos não envelhecem”, afirma, tomando emprestado os versos compostos por Lô Borges para a canção “Clube de Esquina 2”. A trajetória de Elaine, marcada pela pobreza, humilhação e preconceito, mas principalmente pela superação, está contada no livro *Pérola Negra – História de um Caminho* (Editora Komedi), que ela lançará no próximo dia 28 de abril, a partir das 15h, no Salão Nobre da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. A orelha do livro é assinada pelo escritor Rubem Alves. Segundo ele, quem ler o livro “ficará maior”.

A biografia de Elaine, que foi tema de reportagem do **Jornal da Unicamp** em maio de 2003, parece zombar do determinismo. Na infância e adolescência, estudou



Foto: Luis Paulo Silva

A médica Elaine Pereira da Silva, graduada pela Unicamp: neurocisticercose diagnosticada no quinto ano de Medicina

em escola pública. Quando chegou o momento de cursar o ensino superior, as dificuldades se ampliaram. Não tinha dinheiro para pagar uma universidade particular e nem condições de disputar uma vaga em instituição pública com os vestibulandos que se prepararam durante meses em cursinhos. Num primeiro momento, o jeito foi tentar se conformar, optando por um curso mais barato. Elaine, então, decidiu fazer Biologia. Trabalhava de dia como escriturária em um hospital e estudava du-

rante a noite.

Naquela oportunidade, ela já apresentava os primeiros sintomas da neurocisticercose, doença causada pelas larvas da *Taenia solium*, presente na carne de porco. Quando se instalam no sistema nervoso, podem causar problemas como convulsões, hipertensão intracraniana e, no caso de Elaine, distúrbios de comportamento. “Naquela fase, eu tinha muito sono. Dormia praticamente a aula toda”, conta no livro. Meio dormindo, meio acordada, ela conseguiu se formar.

Prestou concurso do Estado e tornou-se professora. “Como o salário melhorou um pouco, decidi resgatar o sonho de me tornar médica. Com muita dificuldade, fiz dois anos e meio de cursinho e prestei o vestibular. Passei na Unesp, na Santa Casa e na Unicamp, mas optei por esta última porque ela oferecia moradia gratuita aos estudantes carentes”, relata.

Morando de graça e recebendo uma bolsa do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) da Universidade, Elaine afirma que sentia “orgasmos

múltiplos” por estar finalmente cursando Medicina. As adversidades impostas pelo fato de ser negra, pobre e introvertida iam sendo vencidas, embora com dificuldade. Mas a situação piorou muito em 1993, quando ela estava no 5º ano. Nessa época, foi internada pela primeira vez. Ficou quatro dias em coma no Hospital das Clínicas (HC). Só então seu problema foi definitivamente diagnosticado, embora tivesse procurado auxílio médico várias vezes anteriormente.

Enlouquecida – Quando a doença se agravou, as dificuldades aumentaram na mesma proporção. Por conta da lesão neurológica, Elaine “enlouqueceu”. Gritava na rua. As pessoas, inclusive os colegas de classe, começaram a se afastar dela. Uma das poucas exceções, segundo Elaine, ficou por conta de um de seus professores, o médico Jamiro da Silva Wanderley, que lhe apoio irrestrito. Ao todo, Elaine teve mais 17 internações, o que a obrigou a prolongar a sua permanência na universidade.

Ao fim de nove anos, ela finalmente obteve o tão sonhado diploma de médica. A sensação daquele momento, de acordo com ela, foi indescritível. Atualmente, Elaine, que teve a sanidade mental diagnosticada por um dos mais renomados especialistas da cidade, convive com algumas sequelas da doença, como fortes dores de cabeça. Mas nada que a impeça de exercer sua profissão com “enorme tesão”, como ela define. “Modéstia às favas, sou uma excelente profissional porque amo o que faço. E sabe por que? Porque morro de medo de errar, assim como erraram comigo”, afirma.

Livro aborda contextos, percursos e sujeitos da educação não-formal

Os debates em torno das questões relativas à educação não-formal, como sua importância, alcance e modelo, entre outras, acabam de ganhar uma importante contribuição com o lançamento do livro *Educação Não-formal – Contextos, percursos e sujeitos*, organizado por Margareth Brandini Park e Renata Sieiro Fernandes, pedagogas e pesquisadoras do Grupo de Estudos em Memória, Educação e Cultura (Gemec), vinculado à Faculdade de Educação (FE) e ao Centro de Memória da Unicamp (CMU). A obra, produzida pela editora Setembro, reúne 22 artigos de 46 autores, todos intimamente ligados ao tema, seja por meio de trabalhos práticos, seja por intermédio de reflexões. Uma das novidades da publicação é um capítulo composto unicamente por charges, todas de Dalcio Machado, chargista do *Jornal do Brasil* e *Correio Popular*.

Os textos que compõem o livro, conforme as organizadoras, abordam diversos aspectos relativos à educação não-formal. Elaborados por profissionais de variadas áreas, eles trazem como proposta o exercício de um novo olhar sobre as práticas educacionais do terceiro setor. Esta visão inovadora, defendem, deve ser mais ampla e menos comprometida com adjetivações. “A meta deve ser a busca por uma educação integral e integrada, que contemple espaços e experiências di-

versificadas e autônomas”, afirma Margareth Park. De acordo com ela, os capítulos tratam de experiências ocorridas em diferentes estados e países, mas a maioria refere-se a Campinas, cidade que só perde para as grandes capitais no que toca ao número de instituições que se dedicam à educação não-formal.

Dados da Prefeitura indicam que o município tem 174 entidades credenciadas que atuam na área assistencial. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta, entretanto, que Campinas conta com

1.640 organizações não-governamentais (ONGs), cujos projetos, programas e ações movimentam perto de R\$ 50 milhões ao ano. A despeito desse aparente vigor, a educação não-formal enfrenta dificuldades na cidade, bem como no restante do país. Por ser uma prática nova no Brasil, ela tem sido construída aos poucos, muitas vezes à base de tentativa e erro. Uma das questões a serem superadas, destacam as pesquisadoras do Gemec, é a oposição simplista entre educação formal e não-formal. A segunda não tenta

substituir ou mesmo complementar a primeira, embora muitas vezes compartilhe com esta as mesmas terminologias, como aula, professor, tarefa, aluno, recreio etc. “Isso é próprio de um campo educacional nascente”, explica Renata Fernandes.

Para Margareth Park, apesar de constituírem âmbitos distintos, a educação não-formal pode contribuir com a formal e vice-versa. “As entidades assistenciais têm uma boa experiência em relação à disciplina, por exemplo. De modo geral, elas têm mais sensibilidade para tratar de al-

guns problemas, notadamente o da violência. Na escola formal, a abordagem é muito punitiva em relação a esse assunto. Por outro lado, a escola foi e continua sendo um centro de referência dentro da comunidade e tem um repertório interessante a oferecer. Assim, ela pode disponibilizar espaços para que as pessoas circulem, convivam e partilhem vivências”.

Um ponto importante assinalado pelas organizadoras do livro é o risco de a educação não-formal ser encarada como uma alternativa barata para assistir os pobres, em decorrência da crise vivida pelo ensino público. Não se trata disso absolutamente, afirmam. Embora no Brasil a educação fora da escola esteja marcadamente voltada ao atendimento das comunidades periféricas, no restante do mundo o conceito é mais abrangente. “Na nossa visão, a educação formal deve ser mantida pelo Estado e precisa estar revestida de qualidade, gratuidade e laicidade. A educação não-formal cabe trabalhar com outros conteúdos, conhecimentos e habilidades, de modo a contribuir para a formação e emancipação das pessoas”, diz Renata Fernandes. (M.A.F.)



Foto: Antoninho Perilli/Reprodução

As pesquisadoras Margareth Brandini Park e Renata Sieiro Fernandes: novo olhar sobre as práticas educacionais do terceiro setor



Serviço

“Educação Não-formal Contextos, percursos e sujeitos”

Editora: Setembro
Formato: 15 x 21 cm
Páginas: 448
Preço de capa: R\$ 52,00